

PERSPECTIVAS

PARA OBJETOS COMPLEXOS,
OLHARES PLURAIS

A importância dos Métodos Mistos para planejar e avaliar



POR:
ROGÉRIO SILVA

AQUELES que trabalham no campo socioambiental reconhecem facilmente a complexidade de seu objeto e de sua prática. Multifacetado, dividido entre o privado e o público, o velho e o novo, o exitoso e o frustrante, o tangível e o invisível, o objeto socioambiental nos faz navegar em extensas zonas de incerteza, nas quais estamos irremediavelmente convocados a segurar o leme e sustentar a direção.

Esse contorno complexo e desafiador não deve, contudo, ser anunciado em tom de recente descoberta. À medida que as bases epistêmicas e corpos metodológicos do emaranhado de ciências cresceram, e que os paradigmas perderam hegemonias, os próprios objetos das ciências foram redescobertos e admitidos em sua inteireza fragmentária inapreensível. Golpe a golpe, a humanidade desconstruiu suas noções pueris sobre o certo, o indivisível e o verdadeiro.

Nesse processo evolutivo, podemos também reconhecer grande distância entre o que os avanços epistêmicos nos ofereceram e aquilo que as

organizações têm sido capazes de produzir em seu cotidiano. Nesse espaço efervescente no qual se formulam planos, estabelecem-se relações, assinam-se cheques e esperam-se resultados, algo parece atuar como a Esfinge de Tebas, devorando a aparência complexa dos objetos, se pouco nos esforçamos para decifrá-la e desdobrá-la em cada pequena ação.

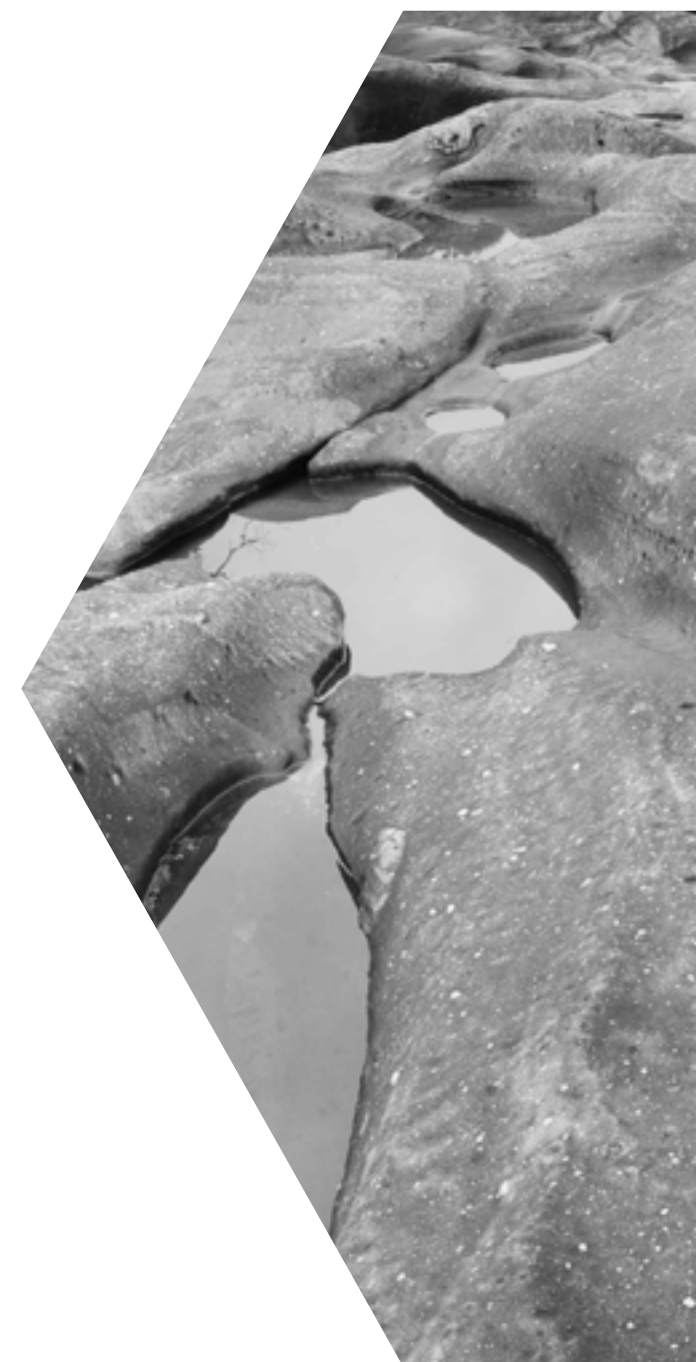
O enigma mostra sua face mais evidente nas situações em que interagimos com a realidade socioambiental supondo um objeto bem mais insosso e previsível do que aquele das fantasias, como se o complexo e multifacetado pertencesse à utopia. Por todos os lados, vêm-se práticas capturadas pelo simplismo: planejamento normativo esmagando o estratégico, controle submetendo avaliação, eficiência atropelando sentido, métricas acotovelando avaliação.

Se tais contradições são limites intransponíveis no momento histórico em que vivemos, é importante saber das possibilidades de construir

dispositivos capazes de expandir a leitura, a compreensão e o fazer. Mesmo que tenhamos como base arranjos teóricos limitados e provisórios, traço inerente a todo sistema de pensamento, reside na multiplicação das vias de acesso aos objetos ou, na combinação de métodos, uma potência que não se pode descartar.

Será pela via das construções parciais que poderemos nos acercar e rodear os objetos, iluminando seus cantos escuros, percebendo seus movimentos e cartografando suas dimensões. Ilustremos a seguir as premissas que fundam o uso de Métodos Mistos¹, para depois apontar como elas se desdobram no trabalho com planejamento e avaliação.

I A expressão Métodos Mistos é fruto de livre tradução de Mixed Methods, comumente adotada no campo da pesquisa. O uso da expressão Métodos Combinados nos parece mais fidedigna à imagem de “associação de métodos” com explícito respeito às fronteiras metodológicas. Contudo, preservamos a tradução corrente, ainda que utilizemos o verbo Combinar e suas variações, em substituição ao verbo Misturar.



PREMISSAS CENTRAIS

Cada sistema de pensamento se aproxima de seu objeto de forma não apenas a conhecê-lo, mas a desenhá-lo, moldá-lo e concebê-lo. Nesse sentido, aquele que lê, também produz; aquele que olha, também interfere, permitindo afirmar que todo ato de investigação também concebe e reconstrói seu objeto, moldando a própria realidade. Refuta-se assim o conceito de neutralidade na relação entre observador e objeto, bem como na relação entre método e objeto, base da ciência cartesiana.

Todo sistema de pensamento produz não mais do que uma aproximação imprecisa de seu objeto, sua tradução ou representação em função dos enquadres da cultura, da política, da subjetividade e do instrumental do seu tempo. Toda leitura é então parcial e está impregnada da cultura da qual emerge. Parcial, toda leitura será admitida como válida à medida que reconhecer e anunciar seu enquadre epistêmico, sua potência, seu viés e limites.

Mais ainda, nenhum objeto pode ser apreendido em sua totalidade. Já que cada sistema de pensamento que dele se aproxima não alcança mais do que uma visão parcial do objeto, não há acesso possível a sua inteireza. Cada método será capaz de tomar apenas uma parte, e nenhuma formulação poderá solicitar para si o poder de representação total da realidade e da verdade. Se o fizer, o fará como dogma, não mais como ciência.

Caberá, então, aos diversos sistemas de pensamento apresentar leituras parciais dos objetos, a fim de que pontos de conexão e de ruptura, convergência e fuga, paralelismo e transversalidade possam ser explicitados e debatidos, articulados e contrapostos, isolados e associados, ampliando as perspectivas e as possibilidades de compreender e intervir. Ao reconhecer o limite de cada método, seu enquadre, alcance e enfoque, ganha-se na justeza de cada leitura parcial e na possibilidade de produzir encontros entre as distintas imagens alcançadas. Ciência, nesse sentido, é um ato ancorado no diálogo.

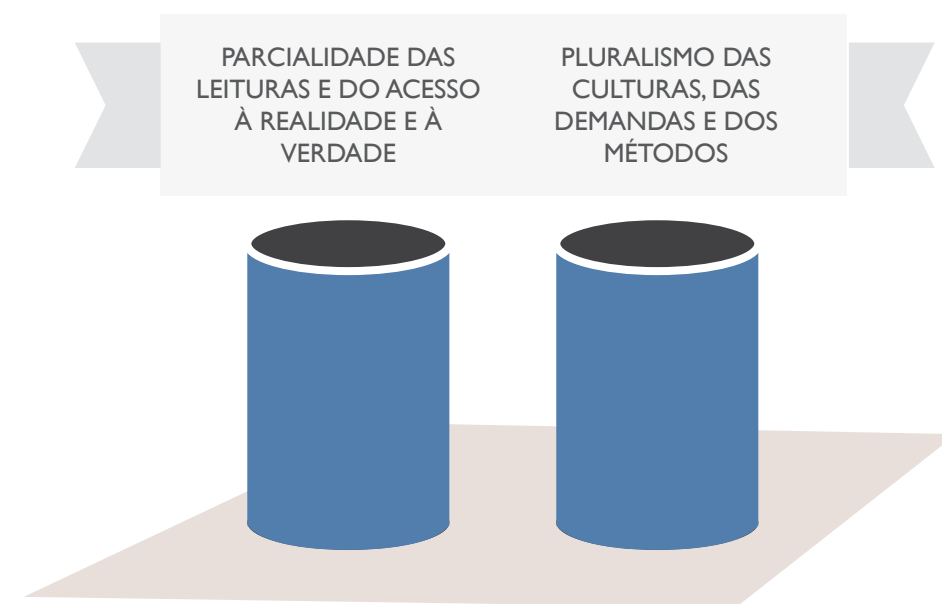


Se tais contradições são limites intransponíveis no momento histórico que habitamos, é importante saber das possibilidades de construir dispositivos capazes de expandir a leitura, a compreensão e o fazer.

INTERVENÇÕES

Se a travessia pela epistemologia nos oferece o pluralismo e a parcialidade como pilares da prática, o trabalho em planejamento e avaliação com Métodos Mistos exige um terceiro enquadre importante, muitas vezes marginalizado por aqueles que intervêm: o enquadre da política. Está na política o ato contínuo de criação e sustentação dos espaços nos quais atuamos, das alianças dialógicas essenciais ao trabalho e à cooperação e, dessa maneira, da articulação das posições epistêmicas e do manejo de forças capazes de produzir leituras e formulações.

Tendo como base a política, será possível dar a cada discurso uma perspectiva vertical que ajude a perceber o que quer e no que acredita cada interlocutor particular. Ao mesmo tempo, será possível escutá-lo no ecossistema que o abriga, por meio de uma perspectiva horizontal que torna possível perceber o que quer esse interlocutor no grupo em que se insere ou representa. Relacional, toda intervenção toca inúmeros arranjos em diferentes espaços sociais, operando interesses éticos, morais, econômicos, culturais e afetivos. Toda intervenção que se reconheça na matriz dos Métodos Mistos parte da necessidade de reconhecer e compreender as posições que compõem o quadro social com o qual se trabalha, a fim de eleger métodos em diálogo com elas:



NO PLANO DA POLÍTICA, A SUSTENTAÇÃO DO EQUILÍBRIO DINÂMICO DE DISCURSOS E FORÇAS.

Para isso os Métodos Mistos abrigarão a participação assentada na ideia de que há partes e interesses, há disputas que levarão a perdas e avanços, e de que o objeto socioambiental precisa ser lido e formulado nestas diferenças. As diferentes vozes são tomadas como construtoras da realidade, que para ser reinventada em direções mais consequentes, precisa abrigar em um delicado equilíbrio dinâmico, interesses, compreensões e demandas oriundas da sociedade, a fim de preservar, desobstruir e potencializar a ação coletiva necessária à construção de estratégias justas e sustentáveis.

Enquanto a política sustenta a coexistência das posições, o pluralismo epistemológico ganha espaço, operando primeiro ao reconhecer que diferentes culturas dialogam, vibram e aprendem mais com certas disciplinas e linguagens, em detrimento de outras. Teriam os leitores se deparado com a empolgação de uma pessoa frente a gráficos robustos produzidos com técnicas estatísticas, enquanto outra é arrebatada com a narrativa etnográfica sobre o modo de viver de certa população? Se há diferenças tão fundamentais naquilo que traz sentido ao olhar e ao diálogo, à interpretação e à formulação, por que supor que uma única disciplina e uma única linguagem deva ser utilizada?

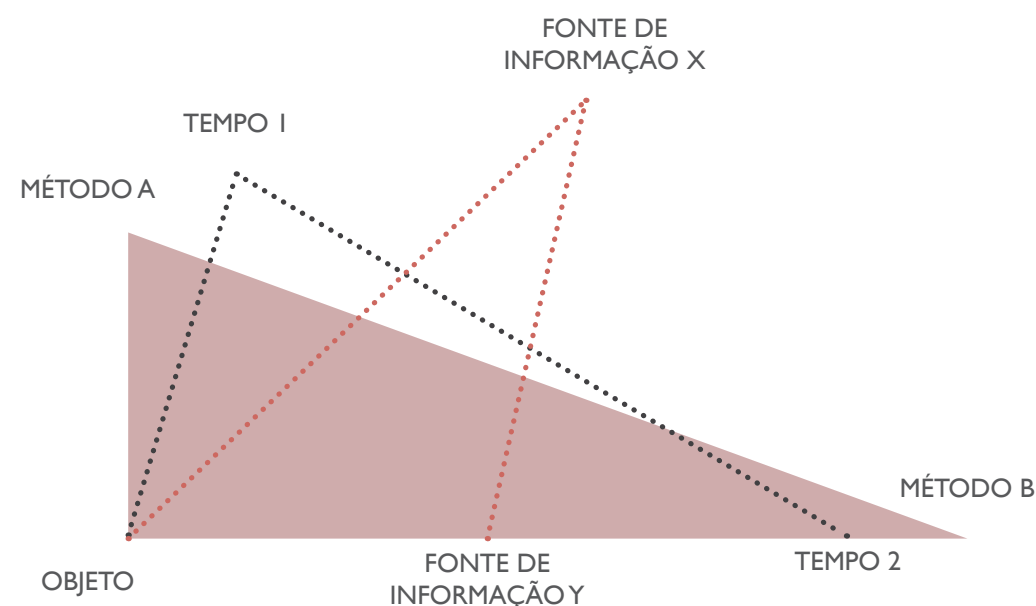
Em segundo lugar, o pluralismo respeitará o efeito das diferenças das perguntas que guiam planejamentos e avaliações na escolha dos métodos de aproximação da realidade. Se há perguntas sobre abrangência, incidência, extensão e volume, por que se furtar ao instrumental quantitativo em sua capacidade de investigar a distribuição de variáveis nas populações, descrevê-las, correlacioná-las, extrapolá-las? Se as perguntas implicam séries históricas que precisam ser compreendidas em busca de tendências, por que evitar a potência dos números em retratar esses aspectos? Se há demandas de comparação que querem se basear na verdade matemática, por que não?

Por outro lado, se há perguntas para compreender porquês, sentidos e representação, se há pequenos grupos populacionais com os quais dialogar, variáveis ainda imaturas ou hipóteses em construção, por que privar os investigadores de métodos mais afeitos às especificidades, particularidade ou intimidades da realidade, como os qualitativos? Em certa medida, lógicas hipotético-dedutivas (da hipótese ao teste na realidade) e indutivas (da realidade à formulação de hipóteses explicativas) sustentam-se na diferença e na complementaridade entre qualitativo e quantitativo; posições distintas, mas definitivamente longe do combate fraticida para o qual muitos as empurram.

Em terceiro, o pluralismo apostará no dispositivo da Triangulação como alternativa para enriquecer a qualidade dos estudos, combinando sensibilidade e precisão. Qualidade não apenas assentada nos critérios comuns aos estudos quantitativos (validade, confiabilidade, generalização), mas também naqueles próprios ao qualitativo (reflexividade, transparência, complementaridade). Triangular significa armar leituras diferentes (audiências, técnicas, instrumentos e recortes temporais) a respeito de um mesmo tema, objeto ou variável, para confrontar, comparar e articular leituras, em busca de um critério que constitua e regule as características que serão atribuídas ao objeto em investigação.

Na articulação dos métodos, a possibilidade de aprofundamento também deve ser explicitada. Enquanto um método particular esgota sua possibilidade de descrever um objeto, talvez seu ponto de chegada possa dar início a uma nova rodada de investigação por meio de um novo caminho metodológico. De um método a outro, de uma linha teórica a outra, trata-se de encadear abordagens no intuito de aprofundar e enriquecer a experiência.

DIFERENTES POSSIBILIDADES DE ARMAR A TRIANGULAÇÃO COM MÉTODOS MISTOS. VARIAÇÃO DO MÉTODO, DO MOMENTO DE COLETA DE DADOS (TEMPO) E DAS FONTES DE INFORMAÇÃO.





Quanto à parcialidade, irá materializar-se com a premissa de que nenhuma leitura poderá reivindicar os estatutos de inquestionável e infalível. Ao contrário, trata-se de jogar claramente com a limitação, a escolha, o alcance, a preferência, explicitando o enquadre metodológico numa perspectiva de transparência reflexiva. Na contramão, o caminho das leituras e práticas totalitárias falseia o princípio da dúvida que acompanha os Métodos Combinados, favorecendo um movimento de alienação entre ciência e saber, ciência e sujeitos, realidade e sujeitos. Transformar a essência questionadora da intervenção em propaganda de verdades empobrece a experiência humana e encurta o caminho às terras do dogmatismo e da barbárie.

Interessados no que a cultura contemporânea demanda e em como ela desafia as intervenções, combinamos dois ou mais métodos para intencionalmente ampliar a potência do diálogo entre os sujeitos e sua realidade socioambiental. Combinamos métodos para enriquecer a experiência dos sujeitos no encontro com seus objetos, para favorecer posições implicadas, criativas e consequentes na formulação de estratégias e práticas. Combinamos métodos por reconhecer que se pode farejar, provar e intuir melhor, fugindo das fantasias de abraçar os objetos, dar conta da realidade, compreender a essência e a totalidade das coisas.

Na inabalável vontade de saber o que caracteriza a humanidade, combinamos métodos por reconhecer que diferentes enfoques permitirão enxergar o contraditório, o incompleto, o diferente e o complementar. Combinamos métodos por reconhecermos a irrefutável limitação em compreender aquilo em que cada ser humano está imerso até as últimas consequências: sua família, cidade, cultura, experiência socioambiental. Com palhetas nas mãos, aqueles que pintam telas combinam cores porque elas os permitem reproduzir, inventar, descrever, copiar, interpretar. Ao fim, combinamos métodos por reconhecermos que o estatuto de sujeito do qual somos tributários implica inapreensíveis e indecifráveis composições.

